



Foto de 18-11-23 de 23/Agência Senado

Lula passou do ponto, mas é um humanista, afirma Jaques Wagner

Líder do governo no Senado rebate acusação de que presidente seria antissemita após fala sobre Holocausto

ENTREVISTA
JAQUES WAGNER

Thaís Oliveira

BRASÍLIA O líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA), afirmou que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) "passou do ponto" ao comparar a situação de palestinos na Faixa de Gaza a de judeus durante o Holocausto. Em sua visão, porém, Lula demonstrou "indignação de um humanista".

"Para mim, a única coisa que, vamos dizer, passou do ponto foi a comparação. Porque eu acho que aquele episódio [Holocausto], que foi a maior barbárie do século 20, é um episódio único. Agora, a indignação do presidente, se eu puder apostar, é a indignação da ampla maioria dos seres humanos no mundo", disse o senador à Folha.

Juici, Wagner rebateu as

acusações de antissemitismo feitas contra Lula e disse que a reação do premiê de Israel, Binyamin Netanyahu, é a de alguém desesperado. "O Netanyahu, em algum momento, vai ser condenado pelo que ele está fazendo".

Como o sr. rebateu a fala de Lula e o que conversou com ele? A fala do presidente é, mais uma vez, a indignação de um humanista com aquilo que está acontecendo na Faixa de Gaza. Não há, na minha opinião, quem possa concordar com o que está acontecendo. Seria a mesma coisa se eu chegasse ao Rio de Janeiro ou em qualquer lugar para tentar alcançar um traficante e bombardeá-lo ou bairro inteiro. Na minha opinião, isso não se justifica.

A única coisa que passou do ponto foi a comparação. Por que eu acho que aquele episó-

dio, que foi a maior barbárie do século 20, é um episódio único. Agora, a indignação do presidente, se eu puder apostar, é a indignação da ampla maioria dos seres humanos no mundo. Ninguém pode achar razoável ficar bombardeando hospital, matando crianças, que são inocentes. O que o presidente Lula fala e eu acho até que já surtiu efeito, que vários países na Europa começaram a falar de cessar-fogo com mais intensidade. A única coisa que ele quer é que se cesse esse fogo, que se pare com os reféns, e que se devolva os inocentes.

O que o sr. disse a Lula? Eu fui dizer para ele que aquele episódio da Segunda Guerra Mundial, repito, é impar. Então, eu acho que puxar ele à balança para fazer qualquer tipo de comparação, na minha opinião, acaba atrapalhando o que ele [Lula] fez. O que ele

Jaques Wagner, 72
Senador pelo PT, é líder do governo no Senado e amigo de Lula. Foi ministro do Trabalho e das Relações Institucionais nos governos Lula, ministro da Defesa e da Casa Civil no governo Dilma Rousseff e governador da Bahia.

fez para mim está corretíssimo. Eu digo que eu assino embaixo até a última frase. O que ele falou? De ajuda humanitária. Ele não deixou de dizer que, se tiver algum dia, aquele organismo internacional que se meteu em coisa errada [Wagner faz referência à agência da ONU para refugiados palestinos, a UNRWA, alvo de denúncia de Israel pela suposta participação de funcionários nos atentados do Hamas], tem que pagar.

O que eu acho que está errado de alguns, quando fazem a crítica à política externa do atual primeiro-ministro, é que não se podem misturar judeus com Netanyahu. Como não se pode misturar palestinos com Hamas. Nem tem sentido você sair matando palestinos para querer cacar o Hamas nem tem sentido você desenvolver antissemitismo porque quer condenar a política externa do senhor Netanyahu.

O sr. acha que Netanyahu usou a crise com o Brasil para ganhar popularidade? Ele aproveitou a fala, mas não ganhou nada. Me diga qual foi o país que deu solidariedade a ele. Ninguém. Ele que fez uma grosseria com o nosso embaixador em Israel [Frederico Meyer, que foi convocado pela chancelaria israelense de forma pública, no Memorial do Holocausto]. As coisas da diplomacia são reservadas. Chamaram ele perante a imprensa para o cara dizer que estava decretando a presença do presidente não desejável.

O sr. acha haver exagero nas acusações de que o presidente foi antissemita? Total. Não existe possibilidade de vicejar dentro do PT, muito menos na cabeça do presidente Lula, e as pessoas sabem disso, qualquer conceito de preconceito. De antissemitismo, de preconceito racial, de preconceito por orientação sexual, isso não é a cabeça dele. Ele é um cara aberto, democrático.

Agora é por isso que eu estou dizendo: o erro é de quem condena Netanyahu ficando generalizando judeus. Também perdi parentes na Segunda Guerra. Já não acho que foi esse o objetivo dele [de Lula], ao comparar. O objetivo dele foi dizer que o objetivo dele [de Lula] não estava sendo atingido. Nós estamos vivendo uma guerra de famílias. O Hamas destruiu a vida de judeus. Quem está pagando o preço é a sociedade civil. Contra isso que ele se insurge.

não tivéssemos um Exército, eles teriam assassinado mais dezenas de milhares".

Apesar da definição de que a resposta do governo brasileiro a Israel seria diplomática, o ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, Paulo Pimenta, que esteve presente na reunião ministerial convocada por Lula logo após o seu retorno da viagem à África, rebateu a acusação da diplomacia israelense e acusou o governo Netanyahu de se valer de fake news para superar seu isolamento internacional.

O chanceler de Israel, Israel Katz, distribuiu conteúdo falso atribuindo ao presidente Lula opiniões que "jamais foram ditas por ele", disse Pimenta na publicação. "O governo Netanyahu se nutre da guerra para se manter no poder. A maioria da população israelense rejeita a política extrema de Netanyahu e a comunidade internacional cobra o fim dos ataques em Gaza, o cessar-fogo e a retirada de Israel da prática da extrema direita e aposta em fake news para tentar se reafirmar no cenário internacionalmente."

Petista corre risco de ser lembrado como cúmplice da tirania de Putin

OPINIÃO

Konstantin Eggert
jornalista russo independente, vive no exílio na Lituânia e é colaborador regular da Deutsche Welle

Em 2023, passei três semanas na América Latina em uma excursão organizada pela União Europeia. Junto com representantes dos vencedores do Prêmio Nobel da Paz da Rússia — Dmitri Muratov, de 2021, editor do semanário "Novaya Gazeta", e Memorial, de 2022, a mais antiga ONG de direitos humanos do país — compartilhamos com estudantes e autoridades, ativistas e acadêmicos, deputados e jornalistas nossa experiência de vida sob o regime de Vladimir Putin.

Com ninguém foi tão difícil quanto com os políticos e burocratas do Brasil. No momento em que mencionamos os bombardeios de cidades ucranianas por Putin ou os abusos da polícia secreta, por exemplo, o envenenamento de Alexei Navalni, os olhos se tornaram vazios, e os acenos, polidos, mas indiferentes.

Agora Alexei Navalni está morto. Ele foi trancado em uma colônia penal famosa pelo tratamento severo aos detentos, mesmo pelos padrões do universo prisional russo inspirado nos gulags. A saúde de Navalni se deteriorou. Tudo aponta para uma campanha do regime russo de eliminação física gradual de seu oponente mundialmente famoso.

Agora o regime está zunindo na família de Navalni com versões bizarras de sua morte. No momento em que escrevo, as autoridades se recusam a agendar a autópsia, liberar o corpo para a família ou mesmo dizer onde ele está. Pensei que isso atingiria muitos no Brasil, como uma repetição dos piores excessos de sua própria ditadura, e produziu uma onda de solidariedade com a oposição democrática da Rússia.

Eu estava enganado, pelo menos em relação à liderança brasileira, que gosta de se apresentar como um exemplo global para os direitos humanos. Mas a resposta do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à onda de indignação pela morte de Navalni só me somou à zumbardia do Kremlin com sua família e apoiadores.

Lula realmente acha que na Rússia moderna a morte de Alexei pode ser "investigada", como sugeriu? Se sim, então ele é tão ignorante sobre as realidades em meu país natal que sua competência, ou a de seus assessores, para conduzir qualquer negociação com Moscou deve ser seriamente questionada. Se não, e Lula quer evitar criticar Putin, então a única conclusão é que ele, um expositivo político que lutou contra a ditadura, tornou-se cúmplice e facilitador de uma das ditaduras mais cruéis e perigosas do mundo.

Mas, como a própria história de vida de Lula pro-

vou, a política está cheia de surpresas e reviravoltas espetaculares. Um dia, os russos — sindicalistas e diretas dissidentes, feministas e libertários, estudantes e encanadores — recuperaram seu país de Putin. Eles lembraram gratidão aqueles ao redor do mundo que apoiaram a verdade e a justiça para sua pátria. Infelizmente, Lula se lembrou como cúmplice da tirania de Putin.

Reação de Israel é cortina de fumaça, diz Mauro Vieira

SÃO PAULO E BOA VISTA O chanceler brasileiro, Mauro Vieira, afirmou nesta terça-feira (22) que as reações do governo de Israel à fala do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) comparando a guerra em Gaza ao Holocausto são inaceitáveis, mentirosas e cortina de fumaça para os ataques no território palestino.

"As manifestações do titular da chancelaria do governo [de Binyamin] Netanyahu, de ontem e de hoje [segunda e terça-feira], são inaceitáveis na forma e mentirosas no conteúdo", afirmou Vieira na saída da Marina da Glória, no Rio de Janeiro, local de reuniões do G20.

"Uma chancelaria dirige-se dessa forma a um chefe de Estado de um país amigo, o presidente Lula, e algo insultuoso e revoltante. Uma chancelaria recorrer sistematicamente à distorção de declarações e mentiras é ofensivo e grave. É uma vergonhosa página da história da diplomacia de Israel, com recurso a linguagem chata e irresponsável", disse o chanceler brasileiro. O Hamas recuou em suas declarações de Vieira em canais usados para divulgação de comunicados à imprensa.

Israel declarou Lula "pessoa non grata" e exigiu desculpas pela comparação feita pelo presidente brasileiro durante fala em reunião da União Africana, no domingo (18). Mais cedo nesta terça-feira, o ministro israelense das Relações Exteriores, Israel Katz, havia feito uma publicação em português em seu perfil cobrando um pedido de desculpas de Lula por sua declaração que comparou a guerra Israel-Hamas ao Holocausto.

"Milhões de judeus em todo o mundo estão à espera do seu pedido de desculpas. Como ousa comparar Israel a Hitler?", escreveu Katz, em português, na plataforma X. Ele marcou a publicação com o símbolo de vergonha.

"Que vergonha. Sua comparação é promíscua e delirante. Uma vergonha para o Brasil e um cuspe no rosto dos judeus brasileiros. Ainda não é tarde para aprender história e pedir desculpas. Até lá, continuará sendo pessoa non grata em Israel!", acrescentou o chanceler.

Katz escreveu na publicação "milhões de judeus em todo o mundo estão à espera do seu pedido de desculpas. Como ousa comparar Israel a Hitler?", em referência a uma "guerra de desculpas" contra os judeus, que assassinaram milhares de judeus roubados e ainda acabaram assassinados com uma "brutalidade sem fim".

Israel, por sua vez, teria embarcado em uma "guerra de desculpas" contra os judeus, que assassinaram qual-

quer judeu que viesse pela frente", segundo Katz, em referência aos atentados perpetrados pelo Hamas em 7 de outubro.

Os assassinatos foram uma guerra de desculpas contra os judeus, que assassinaram milhares de judeus roubados e ainda acabaram assassinados com uma "brutalidade sem fim".

Israel, por sua vez, teria embarcado em uma "guerra de desculpas" contra os judeus, que assassinaram milhares de judeus roubados e ainda acabaram assassinados com uma "brutalidade sem fim".

TEL AVIV ACUSA LULA DE NEGAR O HOLOCAUSTO
Brasileiro foi marcado por perfil do país no X. Repórter do @RealTV



TEL AVIV ACUSA LULA DE NEGAR O HOLOCAUSTO
Brasileiro foi marcado por perfil do país no X. Repórter do @RealTV